

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS

**“AND EVERY TONGUE BRINGS IN A SEVERAL TALE, AND EVERY TALE
CONDEMNS ME FOR A VILLAIN”: CONTROVÉRSIAS HISTÓRICAS
SOBRE A FIGURA DO REI INGLÊS PLANTAGENETA RICARDO III**

Victoria da Silva Pinto

PORTO ALEGRE

2015

Victoria da Silva Pinto

**“AND EVERY TONGUE BRINGS IN A SEVERAL TALE, AND EVERY TALE
CONDEMNS ME FOR A VILLAIN”: CONTROVÉRSIAS HISTÓRICAS
SOBRE A FIGURA DO REI INGLÊS PLANTAGENETA RICARDO III**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander

PORTO ALEGRE

2015

Victoria da Silva Pinto

**“AND EVERY TONGUE BRINGS IN A SEVERAL TALE, AND EVERY TALE
CONDEMNS ME FOR A VILLAIN”: CONTROVÉRSIAS HISTÓRICAS EM
RICARDO III, DE WILLIAM SHAKESPEARE.**

Conceito final:

Aprovado em.....dede.....

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Sandra Sirangelo Maggio – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Valter Henrique de Castro Fritsch – Universidade Federal do Rio Grande

Orientador – Prof. Dr. Ian Alexander – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Gostaria de agradecer aos meus pais, avós, irmãos e familiares, sem os quais eu jamais teria chegado aqui.

Aos meus gatos, Hans, Bridget, Niko, Francisco, Ofélia, Cersei e Charlotte, que são os filhos mais carinhosos que qualquer mãe já desejou.

Aos meus amigos, em especial ao Eduardo, à Amanda, à Fernanda e ao Khristofer, que estiveram comigo durante toda essa jornada e que espero que continuem do meu lado pra sempre.

A todos os colegas, professores e alunos que contribuíram para a minha formação na UFRGS, tanto intelectual quanto política e social.

Ao grupo Teatro do Lírio, que me acolheu e fez surgir em mim uma paixão pelo teatro tão grande quanto a que tenho pela literatura.

Ao meu orientador, pela paciência e pelo apoio.

À banca, pelo carinho e a disponibilidade.

“[...] And every tongue brings in a several tale,
And every tale condemns me for a villain.
Perjury, perjury, in the high'st degree;
Murder, stern murder in the dir'st degree.
All several sins, all used in each degree,
Throng to the bar, crying all, 'Guilty!, guilty!'"

(William Shakespeare, *Richard III*)

“[...] Or I once dreamed of this, your future breath
In prayer for me, long lost, forever found;
Or sensed you from the backstage of my death,
As kings glimpse shadows on a battleground”

(Carol Anne Duffy, *Richard*)

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar as controvérsias históricas que envolvem o rei inglês Plantageneta Ricardo III, usando como principal referência a peça *Ricardo III*, do dramaturgo inglês William Shakespeare. Essas controvérsias, na forma de acusações de deformidades físicas e assassinatos supostamente cometidos pelo rei medieval, foram trazidas à luz após a recente descoberta dos restos mortais de Ricardo III, sob um estacionamento em Leicester. A análise dos ossos provou erradas muitas das acusações de Shakespeare, e deu aos historiadores a oportunidade de debater sobre se as outras acusações contra Ricardo III, todas escritas durante ou após o reinado dos Tudor (sucessores e inimigos jurados de Ricardo), eram corretas ou não.

O objetivo principal dessa monografia é entender como e por que a propaganda criada pelos Tudor demonizou o rei Ricardo III, resgatando sua memória e buscando entender o que fez um homem que era considerado um grande guerreiro, muito dedicado ao código da cavalaria, com um grande senso de justiça e lealdade, ficar conhecido como um dos personagens mais cruéis e maquiavélicos da história da Inglaterra. Esse estudo também tem como objetivo ajudar os educadores na tarefa de ensinar sobre a vida de Ricardo III sem se apoiar em clichês, já que a peça de Shakespeare ainda é muito utilizada como uma fonte histórica confiável sobre a vida do rei Plantageneta.

Palavras-chave: Ricardo III. William Shakespeare. Controvérsias. Propaganda Tudor.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the historical controversies about the English Plantagenet king Richard III, using as a main reference the play *Richard III*, by English playwright William Shakespeare. Those inaccuracies, in the form of accusations of physical deformity and murders supposedly committed by the medieval king, were brought to light after the recent discovery of Richard III's remains, under a car park in Leicester. The analysis of the bones proved many of Shakespeare's accusations wrong, and gave historians the opportunity of debating over whether the other accusations against Richard III, all of them written during or after the reign of the Tudors (Richard's successors and sworn enemies), were accurate or not.

The main objective of this monograph is to understand why and how Shakespeare's play demonized King Richard III, rescuing his memory and trying to understand what made a man who was considered a great warrior, very dedicated to the code of chivalry, with a great sense of justice and loyalty, become widely perceived as one of the most cruel and Machiavellian characters in the history of England. This study is also an effort to help educators in the task of teaching about Richard III's life without relying on clichés, since Shakespeare's play is still widely used as a reliable historical source about the Plantagenet king's life.

Keywords: Richard III. William Shakespeare. Controversias. Propaganda Tudor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – “SHADOWS ON A BATTLEGROUND”: A GUERRA DAS ROSAS E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL E ECONÔMICO DA INGLATERRA NO FIM DA ERA MEDIEVAL	10
2 – “AND EVERY TONGUE BRINGS IN A SEVERAL TALE, AND EVERY TALE CONDEMNS ME FOR A VILLAIN”: A TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE E SUAS CONSEQUÊNCIAS HISTÓRICAS.....	17
3 – “DETERMINED TO PROVE A VILLAIN”: A “PROPAGANDA TUDOR” E O INÍCIO DA DETURPAÇÃO DA IMAGEM DE RICARDO III	20
4 “IN THE DEEP BOSOM OF THE OCEAN BURIED”: RELATOS HISTÓRICOS E HISTORIADORES QUE REFUTAM AS IDEIAS PROPAGADAS PELOS TUDOR ...	23
5 – “LONG LOST, FOREVER FOUND”: OS RESTOS MORTAIS NO ESTACIONAMENTO E AS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS A PARTIR DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
BIBLIOGRAFIA.....	32
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

*“Now is the winter of our discontent
Made glorious summer by this son of York;
And all the clouds that lour'd upon our house
In the deep bosom of the ocean buried”
(William Shakespeare, Richard III)*

O desânimo e a sensação de derrota já começavam a tomar seu lugar entre os envolvidos na escavação quando, em setembro de 2012, o time de arqueólogos da Universidade de Leicester conseguiu realizar uma das maiores descobertas arqueológicas dos últimos tempos. Sob um estacionamento, outrora comum e desinteressante, foram encontrados os alicerces de um imponente mosteiro medieval, há muito destruído e esquecido pela população. A grande descoberta, porém, não foram os restos do prédio histórico, e sim o que lá se encontrava enterrado: o corpo do rei Ricardo III, o último monarca inglês a morrer em combate, cujo reinado, de acordo com muitos historiadores, encerrou o período medieval da Inglaterra.

Figura central de uma das mais famosas peças do célebre escritor inglês William Shakespeare, o rei Ricardo III tem sido hostilizado e odiado por grande parte dos cidadãos britânicos há séculos, devido aos vários crimes hediondos que supostamente cometera antes e durante o seu curto reinado. Ricardo foi retratado por Shakespeare como um ser deformado e cruel; uma personagem literária tão forte que fez com que a maior parte dos leitores, espectadores e estudiosos jamais questionasse a visão shakespeariana sobre a personalidade do rei medieval e seus supostos atos de crueldade. Consequentemente, o texto de Shakespeare ainda é tido por muitos como uma fonte histórica confiável sobre a vida e o reinado de Ricardo III. Isso foi evidenciado no artigo *Why are people venerating Richard III? He was a murderous tyrant*, escrito pelo professor e historiador Sean McGlynn para a revista eletrônica *The Spectator*, no qual ele acusa Ricardo de assassinar seus sobrinhos sem apresentar nenhuma prova consistente; chama o rei de “usurpador”, apesar da existência de documentos comprovando que ele recebeu o direito de governar a Inglaterra; e condena os envolvidos em realizar seu funeral. McGlynn chegou ao ponto de condenar Ricardo III através de uma generalização infundada, afirmando que “Ricardo fez o que qualquer monarca em sua posição faria: matar qualquer um que tivesse uma pretensão maior ao trono e que, portanto, encabeçasse a rebelião”.¹

¹ Todas as citações, salvo quando explicitado de outra maneira, são de tradução própria.

Apesar de existir uma grande quantidade de livros e documentos que contestam a versão difundida da história de Ricardo, além de relatos de fontes primárias e secundárias atestando sobre sua boa aparência e suas qualidades como administrador, a visão dominante só passou a ser mais expressivamente contestada nas últimas décadas, principalmente após a obra de ficção *The Daughter of Time*, da escritora Josephine Tey. Nessa obra, a personagem principal, um homem confinado a uma cama de hospital, desenvolve uma obsessão pelo retrato mais conhecido de Ricardo III,² e se dedica a pesquisar materiais a seu respeito de forma a concluir se deveria ou não absolvê-lo pelos crimes creditados a ele. Por fim, a conclusão dele é de que Ricardo é inocente. Do mesmo modo que a personagem de Tey, diversos historiadores, medievalistas e entusiastas da história e da literatura se sentiram atraídos pelos mistérios que cercam a vida e o reinado de Ricardo III. Assim, se reúnem em grupos e sociedades, que têm como função manter vivos os estudos sobre Ricardo, de forma a preservar sua memória e buscar verdade e justiça histórica.

Conhecido como o mais proeminente grupo de historiadores e entusiastas da história do rei medieval, a Richard III Society leva grande parte do crédito pela descoberta de seus restos mortais. Realizando discussões virtuais, reuniões, debates e pesquisas com material histórico, os organizadores do grupo chegaram à conclusão, através de relatos como o do historiador John Rous, de que Ricardo “[...] terminou sua vida de forma miserável, e finalmente foi enterrado no coro do mosteiro de frades em Leicester” (ROUS³. 1490, Pg. 218). A partir dessa afirmação, a Richard III Society começou uma campanha de arrecadação de dinheiro para financiar as pesquisas arqueológicas da Leicester University na área que supostamente abrigara a construção conhecida como Grey Friars, mosteiro medieval destruído pelo rei Henrique VIII durante sua campanha de dissolução de mosteiros.

Após a descoberta de restos mortais no exato local descrito por Rous, especialistas de várias áreas diferentes trabalharam juntos para provar que eles de fato pertenciam a Ricardo III, e posteriormente retirar daquela ossada todas as informações possíveis sobre a vida e a morte do rei. A partir do trabalho realizado por esses profissionais, passamos a dispor de uma gama de informações sobre Ricardo que, quando relacionadas a fatos e relatos históricos, nos mostram uma versão bem diferente daquela mostrada por Shakespeare.

Para conduzir a pesquisa que resultou no trabalho aqui apresentado, foram levados em consideração os mesmos motivos que guiaram Caroline Halsted ao escrever seu livro *Richard*

² O retrato mencionado encontra-se em anexo (imagem 1).

³ Latim; tradução própria através da versão em inglês, encontrada em Hanham, *Early Historians*, pg. 123-4)

III as Duke of Gloucester and King of England. Nele, Caroline diz que o seu propósito não é exaltar Ricardo e muito menos investi-lo com qualidades e personalidade melhor destinadas a embelezar um romance. Em resumo, esse trabalho tem como objetivo resgatar a memória de Ricardo, através do livro de Shakespeare, buscando problematizar afirmações possivelmente caluniosas ao seu respeito, através de relatos históricos e evidências arqueológicas.

1 “SHADOWS ON A BATTLEGROUND”: A GUERRA DAS ROSAS E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL E ECONÔMICO DA INGLATERRA NO FIM DA ERA MEDIEVAL

Para melhor entender o contexto histórico no qual Ricardo III estava inserido, é preciso antes traçar um panorama da Guerra das Rosas e da influência que essa teve durante toda a vida de Ricardo. Para tanto, é necessário ter em mente que ela se iniciou logo após o fim da Guerra dos Cem Anos, longa série de conflitos entre a Inglaterra e a França, que fizeram com que os ingleses perdessem vários dos domínios franceses previamente conquistados. De acordo com Hicks (2003), em sua obra *The Wars of the Roses 1455-1487*, a perda dos domínios na França resultou em muitas críticas ao governo de Henrique VI. O clima era de instabilidade, e as desavenças entre as duas famílias que lutavam pelo direito ao trono, os Lancaster (que tinham como símbolo a rosa vermelha) e os York (representados pela rosa branca), eram constantes. As desavenças entre os dois clãs existiam desde o reinado de Ricardo II, que assumiu o trono após a morte do avô, o rei Eduardo III. Ricardo, que pertencia à casa York, herdou o trono porque o seu pai, que era o filho mais velho de Eduardo, faleceu antes de ter a chance de ser coroado. Os problemas começaram quando os descendentes Lancaster do segundo irmão mais velho, João de Gaunt, acreditaram que ele é quem deveria ter herdado o trono. Essa série de problemas acabou por resultar em diversos conflitos esporádicos pelo trono inglês, que se estenderam durante cerca de um século.

Foi durante essa época conturbada da história inglesa que nasceu Ricardo, no castelo de Fotheringhay, localizado em uma vila de mesmo nome, em Northamptonshire. A data era dois de setembro de 1452.⁴ Ricardo era o décimo segundo filho de Ricardo Plantageneta, Duque de York, e sua esposa Cecília Neville, e jamais teria chegado ao trono caso a taxa de mortalidade infantil na Idade Média não fosse tão alta. Apenas sete dos filhos de Ricardo e Cecília chegaram à idade adulta, quatro meninos e três meninas. Mesmo com a família tão numerosa, durante os sete primeiros anos de vida, Ricardo só teve a companhia do irmão George, três anos mais velho, e da irmã Margareth, que tinha seis anos a mais. Os dois irmãos mais velhos, Eduardo e Edmund, viviam no castelo de Ludlow, localizado no limite entre a Inglaterra e o País de Gales, situado na confluência entre os rios Corve e Teme; enquanto as outras duas irmãs, Anne e Elizabeth, estavam sendo educadas em residências de nobres, como ditavam os costumes da época. Eles raramente viam seus pais, e Ricardo nem mesmo

⁴ A data do nascimento de Richard encontra-se marcada por seu próprio punho em seu antigo Livro de Horas (imagem 2 em anexo)

conhecera os irmãos mais velhos até mudar-se para Ludlow com a mãe, aos sete anos de idade.

A mudança foi necessária porque o período em que viviam era extremamente conturbado politicamente, já que o rei Henrique VI, um Lancaster, tinha constantes acessos de loucura, e o controle do reino ficou nas mãos de sua esposa, a francesa Margareth de Anjou. Além disso, a perda dos domínios após a Guerra dos Cem Anos fez com que o governo de Henrique recebesse muitas críticas negativas e pedidos de reforma. A rainha Margareth, por acreditar que o Duque de York possuía uma pretensão ao trono de seu marido, via-o como um de seus maiores inimigos, e passou a persegui-lo impiedosamente. Com medo de que Fotheringhay não fosse segura o suficiente para sua família, a única saída para Cecília foi partir com os filhos para Ludlow, onde o marido se preparava para combater as tropas da rainha caso ela resolvesse atacá-los. Lá, Ricardo finalmente conheceu Eduardo e Edmund, adolescentes de dezessete e dezesseis anos, respectivamente.

Em outubro de 1459, Margareth e o exército do rei decidiram atacar Ludlow, prometendo um perdão real a todos aqueles que desertassem a causa York. Os integrantes da tropa York mais experiente, ao ouvir a notícia do perdão real, abandonaram o posto e desertaram para o lado do rei, entregando a ele os planos de batalha que haviam sido traçados. Os principais líderes do movimento York eram o pai e os dois irmãos mais velhos de Ricardo, além do Duque de Salisbury e seu filho, o Conde de Warwick. Eles conseguiram fugir, porém Cecília e os filhos mais novos ficaram em Ludlow e pediram a proteção do rei, enquanto a cidade era pilhada e destruída pelas tropas da rainha. Após o saque, foram levados a Coventry, e o Duque de York e os outros líderes do movimento perderam o direito sobre seus domínios. York e Edmund foram para a Irlanda, onde conseguiram muitos apoiadores para sua causa, e Eduardo, Salisbury e Warwick foram para Calais, onde reuniram suas tropas e marcharam para encontrar o exército do rei, capturando-o. Assim, os York conseguiram controlar firmemente o poder, e a Duquesa deixou George e Ricardo em Londres. Foi nesse período que os dois irmãos passaram a ter um contato maior com Eduardo.

Em dez de outubro de 1460, porém, o Duque de York retornou a Londres e declarou sua pretensão ao trono, que acreditava ser seu por direito de hereditariedade. Seus companheiros ficaram chocados e contrariados, pois queriam que York controlasse o governo, e não que tomasse a coroa para si. Após muito debate, o rei Henrique VI concordou em fazer do Duque de York seu sucessor, caso este lhe permitisse manter a coroa enquanto vivesse. Isso tiraria a pretensão ao trono de seu filho com Margareth, o que causou ira e desejo de vingança na rainha. Margareth marchou para o norte e reuniu um exército de escoceses,

enquanto os York reuniram suas próprias tropas e Eduardo buscou homens no País de Gales. York e Salisbury marcharam para Yorkshire, e combinaram uma trégua com os Lancaster durante a semana do natal. No dia trinta de dezembro, porém, os Lancaster violaram a trégua, e atacaram os York de surpresa. O Duque, seu filho Edmund e Salisbury foram assassinados, e suas cabeças foram levadas a York e expostas sobre o mais tradicional dos pórticos de entrada da cidade. Sobre a cabeça do Duque de York, como forma de gozação, foi colocada uma coroa de papel.

Com a morte do pai, Eduardo virou o novo pretendente ao trono. Na segunda batalha de St. Albans, porém, a rainha Margareth conseguiu resgatar o marido do controle dos York, e seu exercito seguiu os inimigos até Londres. A Duquesa de York resolveu então mandar George e Ricardo para a Borgonha, com medo de que fossem assassinados pelo exercito Lancaster. Eduardo, porém, conseguiu deter o exercito inimigo e, em quatro de março de 1461, foi proclamado rei. Margareth e seu exercito fugiram para o norte, mas foram perseguidos pelas forças York. Ambos os exércitos se encontraram em Towton, e os York obtiveram uma vitória esmagadora sobre os Lancaster, derrotando-os de vez. Margareth, sem saída, fugiu com Henrique e o filho Eduardo para a Escócia.

Com isso, o trono da Inglaterra finalmente voltou às mãos dos York, e os dois irmãos mais jovens do novo rei puderam retornar ao seu lado e ter uma vida mais calma. Em 27 de junho de 1461, George e Ricardo participaram da coroação de Eduardo IV, onde receberam os títulos de Duque de Clarence e Duque de Gloucester, respectivamente, além de serem nomeados Knights of the Garter, a mais alta ordem de cavalaria do país. Contando apenas nove anos de idade, Ricardo foi enviado para viver no lar de Warwick, o nobre mais rico e poderoso da Inglaterra, para aprender todas as habilidades e conhecimentos necessários a um nobre e, sobretudo, a um cavaleiro.

Em 1464, porém, Eduardo casou-se em segredo com Elizabeth Woodville, uma viúva Lancaster que já possuía dois filhos. Warwick estava negociando o casamento do rei com a filha de um nobre, e a humilhação que sentiu após seu casamento com Elizabeth fez com que a relação entre os dois se abalasse. Eduardo, oferecendo uma espécie de golpe final no orgulho de Warwick, tirou Ricardo de seus cuidados no ano seguinte e levou-o para ser criado na Corte, junto com os parentes da esposa. De acordo com MURPH (1977), em seu livro intitulado *Richard III: the making of a legend*, a família da viúva era um grupo extremamente ganancioso, que aproveitou o casamento real para ganhar poder e bons casamentos. Um dos irmãos da rainha, John, que contava com apenas vinte anos, casou-se com a Duquesa-Viúva de Norfolk, à época com oitenta anos de idade.

Humilhado e ressentido, Warwick tentou ganhar a confiança dos irmãos mais novos de Eduardo para tentar fazer com que se voltassem contra o rei. Ricardo reconheceu as intenções de Warwick e ficou ao lado de Eduardo, porém George se uniu a Warwick contra o próprio irmão, a quem ressentia pela preferência que ele tinha por Ricardo, e casou-se com sua filha, Isobel Neville, em uma cerimônia secreta em Calais. Ao retornarem à Inglaterra, Warwick reuniu um exército, sequestrou o rei e executou muitos dos seguidores de Eduardo, incluindo os condes de Pembroke e Devon, além do pai da rainha e de seu irmão, John.

Ricardo trabalhou ativamente para tirar o irmão das mãos de Warwick, ganhando o título de Constable of England após a missão ter sido um sucesso. Isso o fazia Presidente da Corte de Cavalaria, ou seja, dava a ele o poder de determinar e punir atos de traição. Papéis foram encontrados provando que Warwick planejava tirar Eduardo do trono e colocar George em seu lugar, portanto os dois foram proclamados traidores da coroa. Sem saída, e percebendo que não possuíam forças suficientes para destronar Eduardo, Warwick e George fugiram para a proteção de Louis XI, da França. Lá, Warwick se reconciliou com Margareth de Anjou, ao ponto de prometer a mão de sua filha Anne Neville em casamento a Eduardo, filho de Margareth com o antigo rei Henrique VI. A George foi prometido o trono caso Anne e Eduardo não tivessem filhos.

O exército de Warwick, porém, foi derrotado na batalha de Bernet, e tanto Warwick quanto seu irmão, o Marquês de Montagu, foram mortos. Ricardo, com dezenove anos, comandou a ala direita do exército vitorioso. No mês seguinte, na batalha de Tewkesbury, o exército de Margareth de Anjou também foi aniquilado, e seu filho Eduardo estava entre os mortos. Foi dito que, naquela noite, Henrique VI morreu na Torre de Londres de “puro desprazer e melancolia”, mas não existem dúvidas de que sua morte foi ordenada por Eduardo, para garantir a destruição da linhagem do antigo rei na pretensão ao trono. Ricardo, sempre leal ao irmão, ganhou como recompensa diversos outros títulos, inclusive o de Great Chamberlain, responsável pelos aposentos reais, uma posição extremamente desejada à época e que antes pertencera a Warwick. O Duque de Gloucester acabou por se tornar o homem mais poderoso da Inglaterra, além de Eduardo.

Enviado ao norte para uma campanha contra os escoceses, Ricardo antes pediu a permissão do rei para casar-se com Anne Neville, filha de Warwick. Os dois já se conheciam desde a infância, quando viveram juntos na época em que Ricardo era aprendiz na casa do pai de Anne. A moça, porém, estava sob a tutela de George, que a escondeu de Ricardo obrigando-a a trabalhar como criada de cozinha na casa de um de seus empregados. Ricardo a resgatou e a levou até o santuário de St. Martin Le Grande, dando a ela a opção de aceitar ou

não a sua mão em casamento. Houve uma grande briga entre Ricardo e George sobre quem teria direito à herança que a garota receberia de Warwick, que foi resolvida quando Ricardo abriu mão da maior parte da herança em troca de receber a mão da garota em casamento. Anne e Ricardo casaram na primavera de 1472 e voltaram para o lar de sua infância onde, no ano seguinte, Anne deu a luz ao único filho do casal, também chamado Eduardo.

Em 1477, George, viúvo, pediu ao rei permissão para casar-se com Mary, filha do Duque Charles da Borgonha. Eduardo não consentiu, por não querer ver o irmão ambicioso se tornar o líder do ducado mais rico da Europa. Furioso, George prendeu e executou dois empregados de sua falecida esposa por acusações falsas, armou seus empregados, e publicamente acusou o rei de tentar destruí-lo. Para piorar, George começou a acusar Eduardo de ser o produto de um adultério entre Cecília Neville e um arqueiro desconhecido, além de espalhar dúvida sobre a validade de seu casamento com Elizabeth Woodville. Por tais atos, George foi preso, declarado traidor e levado para a Torre de Londres como prisioneiro. Ricardo voltou a Londres, determinado a fazer o rei voltar atrás na ideia de sentenciar o irmão à morte, mas os Woodville o persuadiram a insistir na punição. No julgamento, Eduardo foi o único acusador, e George o único a falar em sua defesa. George foi, então, executado por afogamento. Ricardo não recebeu benefício algum com a morte do irmão, apenas voltou a ser Great Chamberlain (havia cedido seu lugar a George por vontade própria anos antes), e seu filho Eduardo recebeu o título de Conde de Salisbury. Após a morte de George, Eduardo finalmente pôde reinar sem opositores realmente perigosos ao seu regime.

Eduardo IV reinou de 1461 a 1483, e teve dois filhos com Elizabeth Woodville, Eduardo e Ricardo. Era conhecido por seus excessos, principalmente no que toca à luxúria. Seu irmão Ricardo, que vivia no norte com a esposa, raramente visitava Londres. Sua posição exigia muito de si, e ele não podia abandonar o castelo de Middleham por muito tempo. De acordo com MURPH (1977), Ricardo ficou profundamente perturbado em sua última visita ao irmão, em janeiro de 1483. Eduardo tinha se tornado um homem gordo, preguiçoso e que só vivia para o prazer. Todos esses excessos contribuíram para deteriorar sua saúde. Ricardo retornou ao norte em fevereiro, sem saber que aquela seria a última vez que veria o irmão com vida.

Antes de morrer, Eduardo expressou seu desejo de ver Ricardo como Lorde Protetor do Reino, para governar o país enquanto seu filho mais velho fosse menor de idade. Nesse ponto a história não é muito clara, mas muitos historiadores nos levam a acreditar que Ricardo foi, de alguma forma, avisado que a família da rainha-viúva planejava seqüestrar os garotos para educá-los segundo seus propósitos, o que seria uma espécie de negação à última vontade

de Eduardo e, portanto, aos direitos de Ricardo. Assim, Ricardo escoltou-os pessoalmente até a Torre de Londres, o castelo no qual os reis costumavam ficar enquanto se preparavam para assumir o trono. Os dois sobrinhos de Ricardo ficaram lá, com seus professores e serviçais, se preparando para a coroação. Nesse meio-tempo, Ricardo seguia com todos os planos para a cerimônia que iria coroar seu sobrinho como Eduardo V da Inglaterra, até o dia em que o conselho foi surpreendido por sua declaração de pretensão ao trono, quando Ricardo apresentou evidências de que seu irmão Eduardo havia assinado um contrato pré-nupcial com a filha de um nobre. Seu casamento com Elizabeth Woodville era, portanto, inválido, e seus filhos eram bastardos. Outros rumores já circulavam pela Corte desde a execução de George, colocando em dúvida a legitimidade do próprio Eduardo IV, rumores esses que Ricardo se recusou a usar como provas de sua pretensão, preferindo se apoiar na invalidade do casamento e no afastamento de Elizabeth da Corte, acusando a ela e à sua mãe de terem praticado bruxaria para conseguir casá-la com o rei. O conselho ouviu os argumentos de Ricardo, teve acesso às provas, e redigiu um documento intitulado *Titulus Regius*⁵, no qual declaravam que Ricardo era, de fato, o legítimo rei da Inglaterra.

No dia 6 de julho, Ricardo foi coroado, e os príncipes que se encontravam na torre, agora considerados meros bastardos e não mais dignos de tratamento real, deixaram de ser vistos. Vários rumores circulavam sobre eles. Alguns diziam que foram viver com a mãe, outros que foram enviados a casas de nobres para serem iniciados na cavalaria e outros, ainda, que haviam sido assassinados. Muitos eram os suspeitos de terem cometido tal crime, mas o principal deles era o novo rei Ricardo III. Ricardo nunca se posicionou em relação a esses rumores, e reinou durante apenas dois conturbados anos, após os quais ele entrou em conflito direto com os Lancaster revoltosos, sendo derrotado e morto pelas tropas de Henrique Tudor, no campo de Bosworth, em um conflito que marcou o fim da dinastia Plantageneta e o início da dinastia Tudor na Inglaterra.

O líder rebelde foi coroado Henrique VII e, para consolidar seu domínio, casou-se com a filha de Eduardo IV, Elizabeth de York, que voltou a ser considerada legítima, já que Henrique destruiu todas as cópias do *Titulus Regius* em que conseguiu pôr as mãos. Como símbolo desta “Inglaterra unificada” que pretendia criar, ele uniu a rosa vermelha e a rosa branca em uma só figura: a “Rosa Tudor”. Isso foi feito como uma tentativa de legitimar sua causa, e parte dessa campanha feita para mostrar Henrique como o salvador de um país em crise foi demonizar a figura de Ricardo III, mostrando aos súditos o quão sortudos eles eram

⁵ Uma cópia do *Titulus Regius* se encontra em anexo (Imagem 3).

por terem tido alguém que os livrasse de um ser tão maligno e profano. Dessa forma, ao mesmo tempo em que diminuía a popularidade de Ricardo, Henrique se autopromovia aos olhos de seu povo. Essa campanha para despopularizar Ricardo ficou conhecida pelos historiadores como “propaganda Tudor”, e foi organizada de uma forma tão metódica e poderosa que ainda hoje ela confunde e influencia muitos professores e historiadores do mundo inteiro. A morte de Ricardo III, então, acabou por se tornar um marco do fim da Guerra das Rosas e da dinastia Plantageneta.

2 “AND EVERY TONGUE BRINGS IN A SEVERAL TALE, AND EVERY TALE CONDEMNS ME FOR A VILLAIN”: A TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE E SUAS CONSEQUÊNCIAS HISTÓRICAS

Após Henrique VII tomar medidas para arruinar a imagem de Ricardo III entre os súditos, levou muito tempo até que os historiadores e antiquários tivessem a coragem de desafiar o pensamento hegemônico e buscar uma nova versão da história. Não é de se espantar, portanto, que Shakespeare tenha mantido o pensamento corrente ao criar a sua tragédia, principalmente se levarmos em conta o fato de que ele escreveu a peça durante o reinado da rainha Elizabeth I, neta de Henrique VII, pertencente à dinastia Tudor. Também é necessário levar em conta que, ao escrever suas peças, Shakespeare não estava preocupado em mostrar verdades históricas, e sim em pensar no efeito que aquilo teria em captar a atenção da plateia para o que se passava no palco. Ele pensava como um dramaturgo, e não como um historiador. É importante, porém, saber separar o que é a caracterização de uma personagem dramática daquilo que faz parte de um passado histórico. Todavia, essa separação acaba por ser extremamente problemática, graças à força dos versos de Shakespeare, que criaram uma personagem tão marcante que acabou por encobrir a personalidade e os feitos do verdadeiro Ricardo. KOSIR (2010) afirma que durante séculos os ingleses aprenderam história através das peças de Shakespeare, exemplificando com o caso do Duque de Marlborough, que disse certa vez que tudo o que ele já leu sobre história veio de Shakespeare.

Podemos perceber toda a magnitude da figura que Shakespeare criou já no primeiro ato da peça. Ele se inicia com um solilóquio, no qual o próprio Ricardo III fala da tranquilidade que se instalou no reino após a vitória do irmão contra os Lancaster. Após constatar que o rei havia deixado de ser um lutador majestoso e passara a viver apenas para a lascívia, ele confessa deliberadamente ser uma pessoa vil por natureza, desprovida de atributos físicos e incapaz de aproveitar a paz e a tranquilidade que reinavam na corte. O Ricardo III de Shakespeare é uma criatura deformada, com um braço atrofiado, e que entra no palco mancando sob o peso de uma imensa corcunda que o deixa com uma aparência extremamente grotesca. Mais do que isso, o monólogo dito por ele não deixa nenhuma dúvida de que não só o seu corpo é deformado, como também a sua alma o é. O autorretrato feito por Ricardo no palco o mostra como um ser vil e maquiavélico, incapaz de sentir simpatia e de aproveitar os momentos de paz que a corte oferecia naqueles dias calmos do reinado de seu irmão. A escolha de palavras feita por Shakespeare deixa claro a todos os espectadores que Ricardo é o vilão daquela história.

“Mas eu, que não fui moldado para jogas nem brincos amorosos, nem feito para cortejar um espelho enamorado. Eu, que rudemente sou marcado, e que não tenho a majestade do amor para me pavonear diante de uma musa furtiva e viciosa, eu, que privado sou da harmoniosa proporção, erro de formação, obra da natureza enganadora, disforme, inacabado, lançado antes de tempo para este mundo que respira, quando muito meio feito e de tal modo imperfeito e tão fora de estação que os cães me ladram quando passo, coxeando, perto deles. Pois eu, neste ocioso e mole tempo de paz, não tenho outro deleite para passar o tempo afora a espiar a minha sombra ao sol e cantar a minha própria deformidade. E assim, já que não posso ser amante que goze estes dias de práticas suaves, estou decidido a ser ruim vilão e odiar os prazeres vazios destes dias.” (SHAKESPEARE, 2007. PG. 6)⁶

A Inglaterra nos tempos de Shakespeare era um país profundamente cristão, e talvez seja essa a fonte que popularizou essa dicotomia entre o bem, representado pelo belo e pelo puro, e o mal, representado pelo feio e o bizarro, no imaginário popular britânico. Exemplos disso são as imagens religiosas de anjos e demônios, ou do céu e do inferno, sendo esse sempre o lugar representado pelo feio e pelo grotesco. Graças a essa dicotomia, que é anterior ao cristianismo mas que teve grande popularidade durante a idade média na Inglaterra, a má-aparência e as deformidades físicas eram vistas como sinais de crueldade da alma. Shakespeare não foi o primeiro a usar da deformidade física e de imagens grotescas para descrever Ricardo. O bardo pode ter sido quem difundiu essa imagem, mas definitivamente não foi quem a criou. De fato, grande parte da descrição de Shakespeare sobre sua aparência foi retirada diretamente do livro *The History of King Richard III*, de Thomas More, tendo sido exagerada propositalmente para criar um efeito ainda maior de vilania. Esse efeito passa a ser amplamente utilizado e até mesmo ampliado em montagens modernas da peça. Em uma produção de 2002 de *Richard III*, Kenneth Branagh nos apresenta um Ricardo ainda mais deformado, que precisa dormir com a ajuda de uma máquina grotesca que suporta o seu corpo, e é obrigado a usar aparelhos por baixo das roupas para conseguir ficar de pé e caminhar. Já em uma produção de 2012 da mesma peça, o Ricardo de Kevin Spacey cai no chão durante sua coroação, e precisa de ajuda para conseguir se levantar e ir até o trono.

Para consolidar essa imagem de vilão, porém, era necessário fazer com que a personagem realmente se envolvesse em atividades malignas. Por esse motivo, o autor apresenta Ricardo como um assassino impiedoso, que cometeu crimes hediondos, como o de ter planejado a morte do próprio irmão:

⁶ Tradução de Carlos A. Nunes.

“Armei conjuras, tramas perigosas, por entre sonhos, acusações e ébrias profecias, para lançar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, num ódio mortífero⁷.” (SHAKESPEARE, 2007. Pg.6)

Na peça de Shakespeare, Ricardo é colocado como diretamente responsável pelo fato de seu irmão George ter se rebelado contra o rei. Sussurrando ideias conspiratórias nos ouvidos de George, Ricardo consegue fazer com que ele e Eduardo passem a se odiar, o que acaba resultando na morte do primeiro. Ricardo é mostrado aqui como um ser manipulador, que não deixa que ninguém se coloque entre ele e o trono que tanto deseja. Para reforçar essa ideia, Ricardo é transformado em um assassino veterano: é dito que Ricardo participou da primeira batalha de St. Albans, atacando e matando o Duque de Sommerset. Essa afirmação é claramente falsa, já que durante a batalha, Ricardo tinha apenas três anos de idade.

Conforme a história se desenvolve, aprendemos que Ricardo também foi o assassino de Warwick e de Eduardo, filho do rei Henrique VI, na batalha de Bernet. Ele deseja casar-se com Anne Neville, filha do primeiro e prometida do segundo. Ele a seduz, e ela acaba por aceitar a sua mão em casamento. Após a morte de Eduardo, porém, ele passa a desejar a coroa desesperadamente. Decide então que precisa matar os herdeiros ao trono e, para consolidar seu direito ao poder, casar-se com a sobrinha, Elizabeth de York. Ele delega a tarefa de matar as crianças a Tyrrel, um de seus seguidores fiéis, que a cumpre com destreza. Para casar com a sobrinha, porém, Ricardo primeiro precisa se livrar da primeira esposa, e para tal acaba por assassiná-la, tendo antes iniciado um rumor de que ela estava muito doente.

Todas essas mortes causadas pela mesma pessoa, no curto espaço de tempo de uma peça teatral, marcam o espectador de uma forma muito forte. É uma peça feita para chocar do início ao fim, tendo cenas de ação e de sedução, todas focadas em uma figura central: o astuto e artiloso Ricardo. É por isso que, na cena final, quando o exército de Ricardo se vira contra ele na batalha de Bosworth e o lado Lancaster sai vitorioso, Henrique Tudor aparece como uma espécie de santo, enviado pelos céus para acabar de vez com o reinado de um monstro tirano e assassino. Até no momento de sua morte, tropeçando pelo campo de batalha e dizendo que entregaria seu reino por um cavalo, a figura do Ricardo criado por Shakespeare compele os espectadores a ficarem fascinados. É por esse motivo que até os dias atuais, mais de 400 anos após ter sido escrita, *Ricardo III* ainda é uma das peças shakespearianas mais lidas e encenadas no mundo, e o personagem-título ainda é um dos vilões mais fascinantes da literatura.

⁷ Tradução de Carlos A. Nunes

3 “DETERMINED TO PROVE A VILLAIN”: A “PROPAGANDA TUDOR” E O INÍCIO DA DETURPAÇÃO DA IMAGEM DE RICARDO III

A história é escrita pelos vencedores. Com Ricardo III, podemos ver claramente essa tentativa de distorção dos fatos históricos feita por seu sucessor: quase todos os textos e documentos aos quais temos acesso sobre a vida e o reinado do último rei Plantageneta foram escritos durante ou após a dinastia Tudor, comissionados pelo rei Henrique VII ou escritos por historiadores que claramente se posicionavam favoravelmente aos Tudor. Por esse motivo, é apenas natural que Shakespeare tenha feito um retrato tendencioso de Ricardo em sua famosa peça *Ricardo III*, já que grande parte dos livros que consultou e as histórias que ouviu provavelmente provinham da chamada “Propaganda Tudor”, resultado de uma série de campanhas feitas por Henrique VII para demonizar o rei York, já que ele possuía o que Henrique jamais teve: uma pretensão sólida e legítima ao trono inglês.

A primeira crítica sobre o governo de Ricardo foi feita por Dominic Mancini, um italiano que esteve na Inglaterra por seis meses em 1483. Ao que se sabe, ele lá esteve em uma missão diplomática, para reunir informações para a Corte francesa. Seu relatório, chamado *De Occupatione Regnie Anglie Per Riccardum Tercium*, foi erroneamente traduzido como “A usurpação do trono por Ricardo III”. Digo erroneamente porque existe uma grande diferença entre os termos latinos “occupatio” e “usurpatio”. O primeiro se relaciona a ocupar o trono, seja com direito ou não, e o segundo se relaciona a ocupar o trono sem o direito de fazê-lo. Em momento algum Mancini usou o termo “usurpatio” para se referir a Ricardo. Nesse texto, Mancini levanta sim algumas dúvidas sobre o direito de Ricardo ao trono, mas demonstra uma grande ignorância em relação à política e aos costumes ingleses, assim como sua geografia e sua língua, e estava extremamente limitado devido ao pequeno número de fontes, não necessariamente confiáveis, às quais teve acesso.

O escrito que serviu de base para a tragédia de Shakespeare, porém, não foi uma fonte primária, e sim o livro *History of Richard III*, obra escrita pelo Lord Chancellor do rei Henrique VIII, Sir Thomas More. Nessa obra, More acusa Ricardo de ser “pequeno em estatura, com membros desarmoniosos, corcunda, seu ombro esquerdo muito mais alto do que o direito, pouco favorecido de aparência, irado, invejoso...” (MORE, 1883), acusações feitas com precisão para criar uma aura de terror ao redor dele. Tendo feito esse retrato grotesco da imagem de Ricardo, More também fez uma descrição de sua suposta

personalidade, com o objetivo de desumanizá-lo, mostrando-o como um ser cruel e incapaz de qualquer ato de bondade ou gesto altruísta:

Um grande dissimulado, simplório de semblante, arrogante de coração, exteriormente amigável onde internamente ele guardava ódio, não omitindo um beijo quando ele pensava em matar, impiedoso e cruel... Amigo e inimigo, para ele eram o mesmo; onde sua vantagem crescia, ele não poupava ninguém da morte cuja vida se opunha aos seus propósitos
(MORE, 1883)

Algo inesperado, porém, aconteceu: a atração de Ricardo III como personagem dramático é tão grande que, ainda nos dias atuais, um grande número de pessoas são fascinadas pela figura shakespeariana e, por esse motivo, passam a estudar e tentar desvendar os mistérios que cercam o Ricardo histórico. Já o próprio Henrique VII, que governou por muito mais tempo e encabeçou uma nova dinastia de monarcas ingleses, não teve a mesma sorte: ficou conhecido apenas por sua avareza.

Thomas More, porém, não foi o primeiro a sabotar a imagem de Ricardo III. John Rous escreveu um livro tão mentiroso sobre a sua vida e o seu reinado que os leitores podem se divertir lendo suas acusações caluniosas, como quando ele diz que Ricardo ficou “retido na barriga de sua mãe por dois anos, com dentes e cabelo até os ombros” (ROUS, 1745). Outra passagem na qual Rous mente deliberadamente em relação a Ricardo é quando ele afirma que “no seu nascimento, escorpião era o ascendente... e, como um escorpião, ele combinava uma frente suave com uma cauda pungente” (ROUS, 1745). Sabemos que Ricardo nasceu no dia 2 de outubro, mas não existe nenhum registro confiável do seu horário de nascimento (informação necessária para a localização de um ascendente), e pelo texto podemos ver que Rous deliberadamente criou essa afirmação, assim como adiantou o nascimento de Ricardo em três semanas, apenas de forma a poder ter mais uma ocasião para difamá-lo. Essa não foi a única passagem do livro na qual Rous mudou datas para que os fatos ficassem a seu favor, como quando ele diz que “Esse rei Ricardo, excessivamente cruel em seus dias, reinou por três anos e pouco, da maneira como o anticristo reinaria. E como o anticristo por vir, ele foi frustrado no seu momento de maior orgulho” (ROUS, 1745). Na verdade, Ricardo reinou por apenas dois anos e dois meses, mas Rous fez questão de adicionar um ano ao seu reinado para que este coincidissem com o reinado do anticristo na profecia do livro de Revelações da bíblia católica. O mais curioso é que, nos trabalhos anteriores de Rous, ele era extremamente amigável em

relação ao reinado de Ricardo III. Na obra *The Rous Roll*, escrita em 1484, ele cumprimentava Ricardo por seu reinado, dizendo:

O poderoso Ricardo, toda a avareza de lado, governou seus súditos em seu reino louvavelmente, punindo infratores de suas leis, especialmente extorcionistas e opressores de seus bens comuns, e estimando aqueles que eram virtuosos, e por sua discreta orientação ele ganhou muitos agradecimentos de Deus e amor de todos os seus súditos, ricos e pobres, e grande louvor das populações de todas as outras terras sobre ele.
(ROUS, 1484)

Nesse livro, Rous também defendia o direito de Ricardo ao trono, dizendo que não houve qualquer quebra da lei, e defendendo que a linhagem do jovem rei vinha diretamente do rei Henrique II. A postura de Rous pode ter sido justificada com o medo de ter a cabeça na ponta de uma lança, já que a ameaça de uma possível punição severa seria suficiente para fazer muitos historiadores mudarem bruscamente sua visão, ao ponto de inventar mentiras.

Por fim, temos o historiador Polydore Vergyl, conhecido por muitos como o pai da História Inglesa. Ele teve seu trabalho comissionado por Henrique VII, e na sua obra podemos ver o primeiro registro de um braço atrofiado relacionado à imagem de Ricardo, e também podemos notar que Vergyl usa a tradição que relaciona figuras grotescas à vilania ao dizer que “é justiça divina que os maus provocam a punição que merecem” (VERGYL, 1555). Ele acusa Ricardo de ser hipócrita porque, segundo ele, internamente Ricardo sempre desejou o lugar do irmão como rei. Vergyl o condena, então, por acreditar que ele não foi honesto em seus atos. Para explicar o fato de Ricardo ter sido considerado um bom e justo governante durante seu breve reinado, VERGYL (1555) atribuiu essa atitude a um “esforço determinado em conseguir o perdão de Deus e buscar popularidade através de atos de generosidade e piedade”. Vergyl foi um pouco menos rigoroso que Shakespeare nas acusações em relação a Ricardo: não atribuiu a ele nenhuma responsabilidade pelo assassinato de George, porém sugeriu que ele teria assassinado o rei Henrique VI e envenenado Anne Neville, sua esposa. Em relação à aparência de Ricardo, porém, ele ficou com a versão de More: “deformado de corpo, um semblante curto e azedo, que parecia cheio de malícia, e total astúcia e fraude” (VERGYL, 1555).

4 “IN THE DEEP BOSOM OF THE OCEAN BURIED”: RELATOS HISTÓRICOS E HISTORIADORES QUE REFUTAM AS IDEIAS PROPAGADAS PELOS TUDOR

Uma vez que Henrique VII estava disposto a apagar todos os vestígios de humanidade na figura de Ricardo, é de se imaginar a imensa dificuldade dos historiadores em encontrar documentos que falem dos lados positivos de seu governo, como sua bondade e seu senso de justiça. Apesar de todos os esforços de Henrique Tudor, porém, ainda foram encontrados documentos e registros que mostram uma visão sobre Ricardo III e seu reinado bem diferente daquela pregada pelos Tudor. Um exemplo disso é um texto do Bispo de St. David, Thomas Langton, que menciona Ricardo em uma carta privada em 1483, posteriormente publicada em uma coletânea de cartas medievais organizada por SHEPPARD (1877), dizendo que “Ele contenta o povo onde quer que vá melhor do que qualquer outro príncipe jamais o fez; porque muitos dos homens pobres que sofreram injustiças foram aliviados e ajudados por ele”. Langton também confessou nutrir simpatia por Ricardo, afirmando que “Em verdade, eu nunca gostei tanto de um príncipe quanto dele; Deus o enviou para o bem de todos nós”.

O primeiro a se opor publicamente à visão difundida sobre Ricardo III foi o antiquário John Stow, que conseguiu descobrir uma cópia do *Titulus Regius*⁸, documento redigido pelo conselho inglês que comprovava o direito de Ricardo ao trono da Inglaterra. A maior parte das cópias haviam sido destruídas por Henrique VII, seu sucessor, de forma a diminuir o direito de Ricardo ao trono perante seus súditos. A partir dessa descoberta, Stow argumentou, em sua obra *The Survey of London*, cuja primeira edição foi publicada em 1598, que a responsabilidade de Ricardo sobre os possíveis assassinatos de seus sobrinhos nunca foi provada. A carta era evidência suficiente de que o conselho já havia aquiescido ao clamor de Ricardo para deslegitimar os filhos de seu irmão, através de testemunhas e provas de que Eduardo havia assinado um contrato de casamento antes de desposar Elizabeth Woodville.

O aparecimento desse documento foi extremamente importante, porque ele tinha o potencial de mudar muito do que se sabia ou se imaginava em relação a Ricardo. Ele prova que ele, de fato, recebeu o direito de governar a Inglaterra. Não era, pois, um usurpador. Com o *Titulus Regius*, aprendemos que as crianças não representariam legalmente nenhum perigo ao reinado do tio. Na Torre de Londres, eles não eram de forma alguma prisioneiros, e empregados e visitantes os viam constantemente pelo castelo até seu desaparecimento. Não existe nenhuma prova de que Ricardo os tenha assassinado ou mandado assassinar, e nem

⁸ Anexo 1.

mesmo é sabido se eles de fato morreram durante o reinado do tio. Alguns historiadores levantaram a possibilidade de os meninos terem sido enviados para viver com tutores em outras cidades, prática comum à época. O próprio Ricardo cresceu sob a tutela de Warwick, cuja filha viria a desposar anos depois. De fato, isso era o que a maior parte do povo inglês acreditava, à época. Outros historiadores e entusiastas insistem que os sobrinhos provavelmente haviam sido enviados de volta aos braços da mãe, que tempos depois do desaparecimento reatou laços com Ricardo e até mesmo enviou a única filha para viver com ele na Corte, atitude que poucas mulheres tomariam caso desconfiassem que Ricardo tivesse feito algum mal aos seus filhos. Não existe nenhum registro sequer, oficial ou não, de qualquer acusação da família Woodville ao rei Ricardo III.

Stow também problematizou a ideia de que Ricardo era uma figura monstruosa e desfigurada, constatando que havia conhecido pessoas mais velhas que conheceram o rei pessoalmente, e afirmavam que, apesar de ter baixa estatura, Ricardo tinha boa aparência e não era deformado, contrariando as afirmações de que possuía um braço atrofiado e uma figura horrenda.

Alguns anos após a publicação de Stow, Sir George Buck escreveu o seu livro *The History of King Richard III* em 1619, porém faleceu antes de publicá-lo, e o texto só chegou ao público em 1979. Sobre Ricardo, BUCK (1979) disse que “Por ter sido acusado de grandes crimes e caluniosamente (como eu acredito), eu devo me esforçar para responder por ele, e para limpá-lo e redimi-lo dessas improváveis imputações”. Buck refutou todas as acusações que vinham sendo feitas contra Ricardo, inclusive as alegações de deformidades físicas, mencionando o *Titulus Regius* e interpretando-o da mesma forma que John Stow o fez. Ele também registrou uma carta escrita por Elizabeth de York, declarando seu amor por Ricardo. A carta, de acordo com Buck, era extremamente sentimental, porém muitos historiadores duvidam da existência da mesma, apesar de Buck ter afirmado veementemente que a viu com seus próprios olhos.

Já no ano de 1764, Sir Horace Walpole, um escritor e político inglês, publicou o livro *Historic Doubts on the Life and Reign of King Richard III*. Nesse livro, Walpole mostra uma visão contrária à ideia corrente de que Ricardo havia sido o causador de uma gama de crimes violentos, entre os quais figuram o assassinato do irmão, da esposa e dos sobrinhos, dizendo que as acusações feitas ao rei eram improváveis ou, no mínimo, contrárias à sua personalidade. Sobre a versão de Thomas More em relação ao assassinato dos príncipes, WALPOLE (1764) disse que “é difícil reunir mais improbabilidades e mentiras juntas do que as que esta curta narrativa compreende”.

Walpole levanta questões que os outros historiadores não costumavam considerar, como o fato de que os cronistas Tudor nunca acusaram Ricardo de ter sido responsável pela morte de George, como fez Shakespeare, e o fato de More ter acusado Ricardo de ter tomado a coroa através da ilegitimidade dos sobrinhos a partir da acusação de que Eduardo IV tinha um contrato pré-nupcial secreto com a cortesã Elizabeth Lucy (uma acusação que ninguém levaria a sério) quando, na verdade, o contrato era com a filha do renomado Earl de Shrewsbury, Lady Eleanor Talbot. Além disso, ele também se pergunta: se Ricardo planejava deslegitimar os príncipes desde o momento em que Eduardo IV morreu, por que motivo proclamou o sobrinho Eduardo V no sul antes de voltar para a Corte, sem pressa e quase sem homens, dias antes de subitamente declarar sua pretensão ao trono?

Por fim, temos a versão de Caroline Halsted, que publicou em 1844, a sua biografia *Richard III as Duke of Gloucester and King of England*, prometendo se apoiar mais em fatos históricos do que seus antecessores, aos quais ela se refere como “aqueles cronistas que fizeram de suas narrativas elaboradas os veículos de seus próprios preconceitos em vez de meios de perpetuar a verdade”. Ela se vale até mesmo de algumas informações vindas de Vergyl, como sua afirmação de que muitos reportavam e acreditavam que os príncipes ainda estavam vivos durante o reinado de Henrique VII, tendo sido secretamente tirados da torre e escondidos em algum lugar distante. Alguns historiadores fizeram pouco caso dos escritos de Halsted, de forma completamente injusta, muito por causa de sua descrição romântica da forma como Ricardo reencontrou Anne Neville, disfarçada de criada, na qual ela o elogia por não ter obrigado Anne a casar-se com ele, tendo em vez disso levado-a até o santuário de St, Martin le Grand e a cortejado como mandava a etiqueta: “a mente mais imaginativa não poderia ter desejado que um herói de romance agisse de forma mais nobre ou cavalheiresca”.

5. “LONG LOST, FOREVER FOUND”: OS RESTOS MORTAIS NO ESTACIONAMENTO E AS DESCOBERTAS CIENTÍFICAS A PARTIR DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Com as mãos atadas, nu, sem caixão e mal-posicionado em uma cova que era menor do que o seu tamanho: assim foi enterrado o cadáver de Ricardo III, último rei Plantageneta da Inglaterra, e aquele que, de acordo com historiadores, marcou o fim da era medieval no país. Seus ossos se encontravam no coro de uma igreja, que pertencera ao antigo mosteiro dos Grey Friars, cuja nave, com o tempo, acabou por se tornar um simples estacionamento.⁹ Nada naquele local acusaria sua presença, a não ser uma pequena parede medieval que se erguia perto do local onde o túmulo do rei foi encontrado, como uma lembrança triste e frágil do que outrora fora uma grande construção religiosa. Essa descoberta é resultado de um projeto arqueológico iniciado por Philippa Langley, membro da Richard III Society, e executado por um time de arqueólogos e outros especialistas da Universidade de Leicester.

Alguns historiadores já haviam sugerido que o corpo de Ricardo havia sido enterrado sem grandes pompas nas Grey Friars, mas o mosteiro foi destruído durante o reinado de Henrique VIII e depois de alguns séculos não se sabia nem mesmo em que parte da cidade, exatamente, ele se localizara. No começo do século XVII, o local que agora sabemos pertencer ao mosteiro era propriedade de um antigo prefeito de Leicester, Robert Herrick, que lá construiu uma grande casa. De acordo com BALDWIN (1986), Herrick ergueu um memorial em seu jardim que dizia “Aqui jaz o corpo de Ricardo III, que em certa época foi rei da Inglaterra”. Conforme o tempo passava, porém, as terras de Herrick foram sendo vendidas e subdivididas diversas vezes, e o local exato da igreja e do suposto túmulo se perdeu.

Apesar de ser de conhecimento geral a grande área em que os mosteiros se encontravam, o local exato onde ficava a igreja era desconhecido. Além disso, ninguém tinha grandes esperanças de encontrar o mosteiro bem preservado, já que era costume na Inglaterra roubar os tijolos de paredes medievais para a construção de casas. O maior desafio, porém, era o fato de que a área onde o mosteiro se localizava era extremamente urbana, com poucos espaços que poderiam ser escavados, como o estacionamento reservado para funcionários do conselho da cidade. Existiam grandes chances, portanto, de a igreja se encontrar abaixo de um prédio ou uma avenida, o que impossibilitaria a escavação. Após uma pesquisa com um Radar de Penetração no Solo, que falhou em identificar linhas de paredes ou evidências de construções antigas no estacionamento, a equipe decidiu escavar duas trincheiras sobrepostas

⁹ A fotografia do estacionamento encontra-se em anexo (Imagem 4).

de 30m x 1.6m, orientadas no sentido norte-sul com o objetivo de cobrir o máximo possível de terreno. Assim, eles teriam mais chances de encontrar a igreja e outros prédios do mosteiro, dos quais muitos provavelmente se localizariam no sentido leste-oeste. Um pouco depois, porém, decidiram abrir uma terceira trincheira para melhor explorar as evidências encontradas na trincheira 1.¹⁰ A sorte, porém, estava do lado do time de escavadores: logo na primeira trincheira foram encontrados os restos mortais que, mais tarde, viriam a ser confirmado como pertencentes ao rei Ricardo III.

Como já foi mencionado, alguns historiadores afirmaram que o rei havia sido enterrado sem qualquer pompa ou rito solene. A arqueologia do túmulo prova que essas afirmações são verdadeiras. O corpo foi colocado em uma cova notavelmente pequena demais para sua estatura, e com cortes irregulares, o que indica que foi cavada às pressas. Mesmo em uma capela simples como a localizada nas Grey Friars, todos os que lá eram enterrados recebiam covas com cortes regulares e eram depositados em caixões, o que não aconteceu com o rei que, de forma a caber na cova, teve que ser enterrado quase que sentado. O coro da igreja, local no qual Ricardo foi enterrado, era um ponto estratégico: era um local de prestígio, porém tinha acesso restrito, o que impediria atos públicos de veneração à sua memória. Não há evidência de um caixão ou mesmo de uma mortalha, já que cadáveres enterrados usando-as geralmente apresentam os membros firmemente apertados, o que não aconteceu com os membros de Ricardo. Já caixões comuns eram feitos de madeira, e sua presença geralmente deixa marcas no solo, como o formato dos pregos no local em que as tábuas se uniam. Na cova de Ricardo, porém, a posição do corpo – pernas levemente separadas e braços flexionados - dá a entender que ele foi enterrado sem caixão, sem mortalha e talvez até sem roupas. A posição estranha do corpo pode ser explicada através da forma com que ele provavelmente foi colocado no túmulo: o fato de que o cadáver está de um lado da cova, em vez de estar no meio, indica que uma ou duas pessoas estavam de pé dentro do túmulo para receber seu corpo e acomodá-lo, prática que se tornou bastante comum a partir do século XIV. Ao que tudo indica, o corpo de Ricardo foi colocado na cova com os pés primeiro, e por fim os membros superiores, o que explicaria o motivo de o torso e a cabeça estarem reclinados contra o lado do túmulo. Suas mãos estavam cruzadas na altura dos pulsos, e colocadas sobre a pélvis direita. Isso era extremamente incomum em enterros na época medieval em Leicester, portanto existem grandes chances de que Ricardo tenha sido enterrado com as mãos atadas, principalmente se considerarmos que, devido à posição do cadáver¹¹, o braço direito

¹⁰ Imagem 5 em Anexo.

¹¹ Imagem 6, em anexo.

provavelmente teria caído para o lado no momento do enterro caso as mãos não estivessem amarradas. O esqueleto de Ricardo estava em boas condições, com exceção dos pés, que não foram encontrados. Isso provavelmente aconteceu após séculos do seu enterro, já que existem evidências de perturbação do solo há apenas 90 mm de distância de seus membros inferiores.

A Análise de Isótopos Estáveis que foi feita durante a datação com Carbono-14 revelou que o indivíduo encontrado teve uma dieta com alta quantidade de proteína, incluindo uma quantidade significativa de frutos do mar (cerca de 25% da sua dieta), o que sugere que ele tinha um status alto. A datação com Carbono-14 sugere que sua morte ocorreu por volta de 1456 a 1530 DC, com uma probabilidade de 95,4% de acerto, o que seria consistente com a data da morte de Ricardo III, que ocorreu em 1485. São os ossos de um homem, entre 25 e 35 anos, compatível com a idade de Ricardo no momento de sua morte, que era de 32 anos. Ele possuía um grau severo de escoliose que começou a se desenvolver na adolescência, cujo desenvolvimento pode ter sido progressivo, e provavelmente causava dor e falta de ar. Caso não tivesse escoliose, ele teria cerca de 1.73 de altura, mas a sua condição pode ter feito sua altura aparente diminuir conforme ele envelhecia, e pode ter deixado um de seus ombros parecer levemente mais alto do que o outro, o que é consistente com algumas afirmações de fontes contemporâneas. De acordo com o relatório escrito pelos cientistas envolvidos em realizar a análise osteológica, porém, a desfiguração física causada pela escoliose de Ricardo era leve, já que sua curva era bem balanceada¹². Sua protuberância provavelmente seria pouco notável em relação ao tamanho de suas costelas, e seu ombro direito seria pouca coisa mais alto que o esquerdo. Todos esses problemas, porém, poderiam ter sido facilmente escondidos com um bom alfaiate e armadura customizada. A curva de sua escoliose era de 70-90°, o que não impediria a realização de atividades físicas, e não existem evidências de que Ricardo seria manco, porque seus ossos da perna são simétricos e bem formados. Não há qualquer sinal que indique que Ricardo possuía um braço atrofiado.

Dez feridas causadas antes da morte foram identificadas no cadáver, oito no crânio e duas no esqueleto pós-craniano. Duas grandes lesões na nuca, consistentes com um golpe de alabarda e outro de espada, parecem possivelmente fatais. Um terceiro machucado, menor, porém profundo, no topo de sua cabeça, pode ter sido causado por uma adaga. Também foram identificadas algumas lesões causadas após a morte de Ricardo, como um corte na costela direita e outro na pélvis direita, típico de um golpe através da nádega, não poderiam ter sido causadas em alguém que usava armadura, indicando, portanto, que foram feitas após sua

¹² Imagem 7, em anexo.

morte, quando seu cadáver provavelmente foi despido e exposto para provar a vitória do inimigo.

Por fim, também foi realizada uma análise de DNA Mitocondrial com dois descendentes diretos da irmã de Ricardo III, Anne de York, através da linhagem feminina. Tanto Ricardo quanto os dois descendentes de sua irmã possuem um tipo de DNA Mitocondrial que é relativamente raro na população europeia, então é pouco provável que o fato de suas amostras de DNA terem combinado seja coincidência. Em posse dessas evidências, os cientistas e arqueólogos envolvidos na pesquisa afirmaram estarem certos de que o cadáver encontrado pertence, de fato, a Ricardo III. A partir disso, a Richard III Society comissionou uma reconstrução facial¹³, para mostrar ao grande público qual seria a aparência de Ricardo quando estava vivo, e se as acusações de feiura e “aparência de vilão” feitas por Shakespeare, seguindo os propagandistas Tudor, seriam fundadas. Para grande surpresa de alguns, Ricardo foi retratado como um homem de aparência delicada e bela, com um semblante bem parecido com aquele mostrado em seu retrato mais famoso.

¹³ Imagem 8, em anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A controvérsia que cerca a vida de Ricardo III existe há mais de 500 anos, e ainda está longe de acabar. Existem argumentos muito bons para os dois lados do “grande debate”: os apoiadores de Ricardo acreditam em sua lealdade a Eduardo acima de tudo, porém o enxergam apenas como uma pessoa colocada em posição de poder durante um momento extremamente conturbado da história inglesa, que apesar de governar de forma justa, não soube ser capaz de se manter firme no poder. Seus opositores, porém, costumam retratá-lo como um homem deformado de corpo e de alma.

A verdade é que a história sempre foi um pouco confusa no que toca à vida e ao reino de Ricardo III. Para diluir um pouco dessa névoa, porém, é preciso levar em consideração o fato de que muitos dos historiadores da época de Ricardo se preocupavam muito mais em ensinar lições de moral com os acontecimentos do que em relatá-los de forma objetiva. Conseqüentemente, as histórias recebiam doses de ficção, misturadas com descrições de eventos reais, que as deixavam mais interessantes ao público, ao mesmo tempo em que os ensinava algum valor. Um exemplo disso é a obra *The Mirror for Magistrates*, uma coleção de poemas supostamente escritos por grandes vilões ingleses que pediam para o leitor não cometer os mesmos erros que eles haviam cometido. Um dos poemas tem como suposto autor Ricardo Plantageneta, Duque de Gloucester, e incorpora grande parte das acusações feitas a ele pelos propagandistas Tudor.

Já para Shakespeare, o objetivo ao escrever suas peças não era, necessariamente, de passar algum ensinamento moral, e sim de entreter a plateia. Shakespeare pensava como um dramaturgo, portanto suas preocupações eram com os efeitos da tensão dramática no público. Por isso, exagerou a figura de Ricardo ao ponto de deixá-la extremamente caricata e abusou de sua licença poética para recriar os acontecimentos. Talvez Shakespeare, porém, nunca tenha pretendido ver suas peças publicadas. Na Inglaterra Elisabetana, peças teatrais não eram consideradas literatura e, mesmo nos dias atuais, a palavra falada não tem tanta força quanto a palavra escrita.

De acordo com as evidências arqueológicas, Ricardo era um homem bem apessoado, de aparência delicada, sem membros atrofiados ou deformidades físicas muito notáveis (é até sugerido por cientistas que a escoliose de Ricardo só teria sido descoberta após sua morte, quando os soldados inimigos o despiram para expô-lo à inspeção do povo). Um homem com deformações como as mostradas por Shakespeare jamais teria condições de segurar uma espada e as rédeas de um cavalo, de forma a atacar inimigos em combate, coisa que Ricardo

fez diversas vezes durante sua curta vida. Fontes históricas contemporâneas o retratam como um governante justo e preocupado com seus súditos. Não existe nenhuma evidência de que Ricardo tenha cometido os crimes de que foi acusado por Shakespeare, nem o possível assassinato dos sobrinhos, que nem mesmo foi comprovado que de fato acontecera durante seu reinado. Existe um documento, o *Titulus Regius*, comprovando que Ricardo recebeu o direito de governar a Inglaterra, e declarando seus sobrinhos ilegítimos, portanto não houve usurpação do trono. Nós provavelmente nunca teremos respostas para muitos desses mistérios, mas as evidências nos mostram que o Ricardo III vil e deformado mostrado por Shakespeare e pelos Tudor não correspondia ao justo e gracioso Ricardo que a história e a arqueologia nos apresentam. Para Shakespeare e os dramaturgos da época, o teatro era apenas uma representação da realidade, sem comprometimento com verdades históricas. Muitas outras peças de Shakespeare – como *Hamlet* e *Macbeth* - foram baseadas em personagens históricos, porém são lidas como tragédias sem comprometimento com a realidade, ao contrário de *Ricardo III*, que é seguidamente classificada como uma peça histórica. Esse trabalho, assim como todas as pesquisas históricas voltadas a desmistificar a figura de Ricardo III, tem como objetivo principal fazer com que essa peça deixe de ser lida como uma fonte histórica confiável, e passe a ser reconhecida pelo que realmente representa: uma tragédia levemente baseada em fatos reais.

BIBLIOGRAFIA

APPLEBY, J., Mitchell, P.D., Robinson, C. *et al.* “The scoliosis of King Richard III, last Plantagenet king of England: diagnosis and clinical significance”. *The Lancet*, vol 383 (31 maio-6 junho). 2014. Disponível online em [http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(14\)60762-5.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(14)60762-5.pdf) (último acesso 20 de abril de 2015).

APPLEBY, J., Ruty, G., Hainsworth, S.V. *et al.* “Perimortem trauma in King Richard III: a skeletal analysis”. *The Lancet*, vol. 385 (17 janeiro). 2015. 253–9. Available online at [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)60804-7/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60804-7/fulltext) (último acesso 20 de abril de 2015).

BALDWIN, D. “King Richard’s grave in Leicester”. *Transactions of the Leicestershire Archaeological and Historical Society*. 1986. 60: 21–24.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BUCK, George. “The History of the Life and Reigne of Richard the Third. Composed in five books”. London: William Wilson. 1646. Disponível online em: http://books.google.co.uk/books?id=ZiFEAAAACAAJ&printsec=frontcover&dq=George+Buck&hl=en&sa=X&ei=B7WFVMS8HceuU_PcgPgP&ved=0CCIQ6AEwAA#v=onepage&q=George%20Buck&f=false (último acesso 9 de dezembro de 2014).

BUCKLEY, R., MORRIS, M., APPLEBY, J. *et al.* ‘The king in the car park’: new light on the death and burial of Richard III in the Grey Friars church”. *Leicester: Antiquity* 87: 519–538. 2013. Disponível online em <http://antiquity.ac.uk/ant/087/ant0870519.htm> (último acesso 11 de novembro de 2014).

CRAVEN, Peter. “Summer of our discontent”. *The Spectator*. 10 de dezembro de 2011. Disponível online em: <http://www.spectator.co.uk/australia/7462313/summer-of-our-discontent/> (acessado em 13/06/15)

FOARD, G.; CURRY, A. “Bosworth 1485: A Battlefield Rediscovered”. Oxford: Oxbow Books, 2013.

FOXHALL, Lin; KENNEDY, Maev; The Greyfriars Research Team. “The Bones of a King: Richard III Rediscovered”. Leicester: John Wiley & Sons, 2015.

GAIRDNER, James. “Richard III”. 1898. New York: Greenwood Publishers, 1969.

HICKS, Michael. “The Wars of the Roses 1455-1485”. Oxford: Osprey Publishing. 2003.

HUME, David. “The History of England”. Vol.2. New York: Liberty Classics, 1983.

KENDALL, Paul Murray. “Richard the Third”. New York: W.W. Norton & Co., Inc., 1955.

KING, T.E., GONZALEZ FORTES, G., BALARESQUE, P. *et al.* (2014) “Identification of the remains of King Richard III”. *Nature Communications* 5 (5631): 1–8. Disponível Online em <http://www.nature.com/ncomms/2014/141202/ncomms6631/abs/ncomms6631.html> (último acesso 20 de abril de 2015).

KOSIR, Beth Marie. “Richard III: A Study in Historiographical Controversy.” *William Shakespeare, ‘The Tragedy of King Richard The Third’ An Annotated Hypertext Edition*. Richard III Society, American Branch. 2010. Disponível Online em: <http://www.r3.org/bookcase/shaksper/kosir.html>

LANGLEY, Philippa ; JONES, Michael. “The King’s Grave: the Discovery of King Richard III’s lost burial place and the clues it holds”. Leicester: John Murray, 2013.

LEGG, Alfred O. “The Unpopular King: the life and times of Richard III”. London: War and Downey, 1885.

MANCINI, Dominic. “The Usurpation of Richard III”. 1483. Trans. and ed. C.A.J. Armstrong. Oxford: Clarendon Press, 1969.

MICHALOVE, Sharon D. “The Reinvention of Richard III”. *The Richardian Bulletin*, setembro. 1995.

MCGLYNN, Sean. “Why are people venerating Richard III? He was a murderous tyrant”. *The Spectator*, 24 de março de 2015. Disponível online em: <http://blogs.spectator.co.uk/coffeehouse/2015/03/why-are-people-venerating-richard-iii-he-was-a-murderous-tyrant/> (último acesso 02 de junho de 2015)

MORE, Thomas. “The History of King Richard III”. 1513. Editado por J. Rawson Lumby. Cambridge University Press, 1883.

MURPHY, Roxane C. “Richard III: the making of a legend”. Metuchen, Nova Jersey: Scarecrow Press. 1977.

PENMAN, Sharon Kay. “The Sunne in Splendour”. Nova York: Ballantyne Books, 1982.

POLLARD, A.F. “The History of England: A study in political evolution”. Londres: Dodo Press, 2007.

POTTER, Jeremy. “Good King Richard? An Account of Richard III and His Reputation”. Londres. 1983.

ROUS, John. “Historia Regum Angliae”. Oxford: Fletcher and Pote. 1745. O texto em Latim está disponível online em http://books.google.co.uk/books/about/Joannis_Rossi_antiquarii_Warwicensis_His.html?id=yQw2AAAAMAAJ (último acesso 11 de novembro de 2014).

ROUS, John. *The Rous Roll*. 1484

SHAKESPEARE, William. “Richard III”. *The annotated Shakespeare*. New Haven and London: Yale University Press. 2008

SHEPPARD, J. B (ed). *Christ Church Letters*. A volume of Medieval Letters, relating to the affairs of the priory of Christ Church Canterbury. Londres: Camden Society, 1877.

SPENCER, Charles. “Branagh brilliantly conjures up the psycho in the basement of imagination.” *The Telegraph*. 21 de março de 2002. Disponível online em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/theatre/drama/3574897/Branagh-brilliantly-conjures-up-the-psycho-in-the-basement-of-imagination.html> (acessado em 13/06/15)

STOW, John. *The Survey of London*. Londres: JM Dent & Sons. 2013. Disponível online em: <http://www.gutenberg.org/files/42959/42959-h/42959-h.htm>

TEY, Josephine, “*The Daughter of Time*”. Londres, 1951.

VERGYL, Polydore. “*Anglica Historiae*”. 1555. O texto em Latim e a tradução em Inglês estão disponíveis online em <http://www.philological.bham.ac.uk/polverg/> (último acesso 11 de Novembro de 2014).

WALPOLE, Horace. “*Historic Doubts on the Life and Reign of King Richard the Third*”. Londres: J. Dodsley, Pall Mall, 1768. Disponível online em http://books.google.co.uk/books/about/Historic_Doubts_on_the_Life_and_Reign_of.html?id=h0UJAAAQAAJ&redir_esc=y (último acesso 20 de abril de 2015)

YORAN, Hanan. “Thomas More’s Richard III: probing the limits of humanism”. *Renaissance Studies*, 2001. Vol.15 No. 4.

ANEXOS



Imagem 1: retrato do rei Ricardo III, feito por artista desconhecido, e pertencente à *Society of Antiquaries of London*. (http://www.richardiii.net/2_4_0_riii_appearance.php - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14h45).

To the high and mighty prince Richard Duc of Cornwall

I praye to your noble grace to vnderstande the consideracion and pencion vnderwritten of vs the lords spirituall and temporall and commons of this Realme of England. And thequinto agreeably to your wyse assent to the common and public wele of this lande to the comfort and gladnesse of all the people of the same.

First we considere howe that heretofore in tyme pasten this lande many yeres stode in grette prosperite honoure and tranquillite which was caused forsomuch to the kinge than reygnyng yset and folowed the aduise and counsaill of certain lordes spirituall and temporall and othe psones of appoynted wisdnesse prudence polceare and experyence dedynge god and havinge tendinge zele and affection to indifferent iudgement of iustice and to the common and politiquis wele of the lande than anye lord god was dyer luffed and honoured. Than within the lande was pceas and tranquillite and amonge neighbours concord and chaunce than the malice of outwaryd enemyes was myghtly resisted and repelled and the lande honorably defended with many grette and glorious victories than the entreynse of merchandise was largely vsed and exasied by which thinge abouyemently the lande was greatly enryched. So that aswelle the maychante and artycrafts as othe pome people laboryng for thayr lyvinge in diuers occupacions had competent geyne to the sustentacion of thair wyth and theyr householdes lyvinge withoute insupportable and intolligable payntes. But after that whan that such as had the rule and gouernance of this lande deliuyng in adulation and flattery and lech by consualite and concupiscentie folowed the counsaill of psones insolent vicious and of moordnat intymer despisinge the counsaill of good psones and prudent psones such as aboue be remembred. The prosperite of this lande daily decayed so that felicitye was turnede into miserie and prosperite into aduersite and the ordge of polceare and of the lorde of god and man confounded. Wherby it is likely this realme to falle into extreme miserie and desolacion which god defende withoute due pmissioun of onerabill remedie we had in this behalf in all ready haste.

Wherby this amonge othe thinge more specially we considere howe that the tyme of the reigne of King Edward the myghty late decessed after the rugyrouse pretended mariage as all England hath cause so to say made betwixt the said King Edward and Elizabeth comynwele wife to John Grey knyght late marryng by self and many yeres heretofore Quene of England the ordge of all politiquis rule was putted the lorde of god and of godde church and also the lorde of manye and of England and also the laudable customes and libertes of the same wherby anye englysshman is iniquely broken subverted and contempned agaynst all reason and iustice so that this lande was ruled by self will and pleasur feyre and grede. Almayne of equite and lorde leade apt and dyspysed wherof ensued many inuencionis and myschances as myschances extorsions and oppressions namely of poore and myporent people so that no man was anye of his liff lande ne hys lorde ne of his liff daughter ne suant. Wherby good maner and comynwele standinge in grede to be pmissyted and despoiled and besides this what distorde quiddynge battaill effusion of crysten mens blood and namely by the destruction of the noble blood of this lande was had and comynwele within the same. It is evident and notyue thorough all this realme vnto the grette corode and homynesse of all true englysshmen. And here also we considere howe that the said pretended mariage betwixt the abouyement King Edward and Elizabeth Grey was made of grette pmissioun withoute the knowyng and assent of the lordes of this lande and also by coact and descheafte comynwele on the said Elizabeth and by woode. Jaquet Duchesse of Bedford as the comyn opinion of the people and the publicke voice and fame is thorough all this lande and because if and to the contrarye contrarye shalbe pproved sufficiently in tyme and place comynwele. And here also we considere howe that the said pretended mariage was made pynally and secretly withoute edicion of lawes in a private chaunge a prophane place and not openly in the face of the church after the lorde of godde church but contrarye therunto and the laudable custome of the church of England. And howe also that at the tyme of contract of the same pretended mariage and before and longe tyme after the said King Edward was and stode marryed and youthlylyght to come Dame Elizabeth Swetely daughter of the old Eyle of Wyndesore which whan the same King Edward had made a pmissioun of matrimonye longe tyme before he made the said pretended mariage with the said Elizabeth Grey in maner and forme abouyement which pmissioun beinge true as in vraye youth they becom true it appereth and folowed evidently that the said King Edward duringe his liff and the said Elizabeth liff together consually and charytably in aduynce wente the lorde of god and of his church and therefore no maner that the comyn lord and the hed of the lande beinge of such pynally dysposicion and promoung the grete and indignacion of our lord god such harmonie mysticall and inuencion as is aboue remembred. Wherby it is evident and folowed that all the issue and children of the said King Edward been baptysed and vnable to enquire or to claime anye thinge by substance by the lorde and comynwele of England.

Imagem 3: Titulus Regius, o documento que comprovava o direito de Ricardo III ao trono (<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/59/19/64/5919643abb1b7c18921633f4e7f0c700.jpg> - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14h49)



Imagem 4: Estacionamento no qual foi encontrado o túmulo de Ricardo III, na cidade de Leicester. Créditos à Fox News (<http://www.foxnews.com/scitech/2012/08/24/grave-king-richard-iii-may-be-hidden-under-parking-lot/> - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14:53).

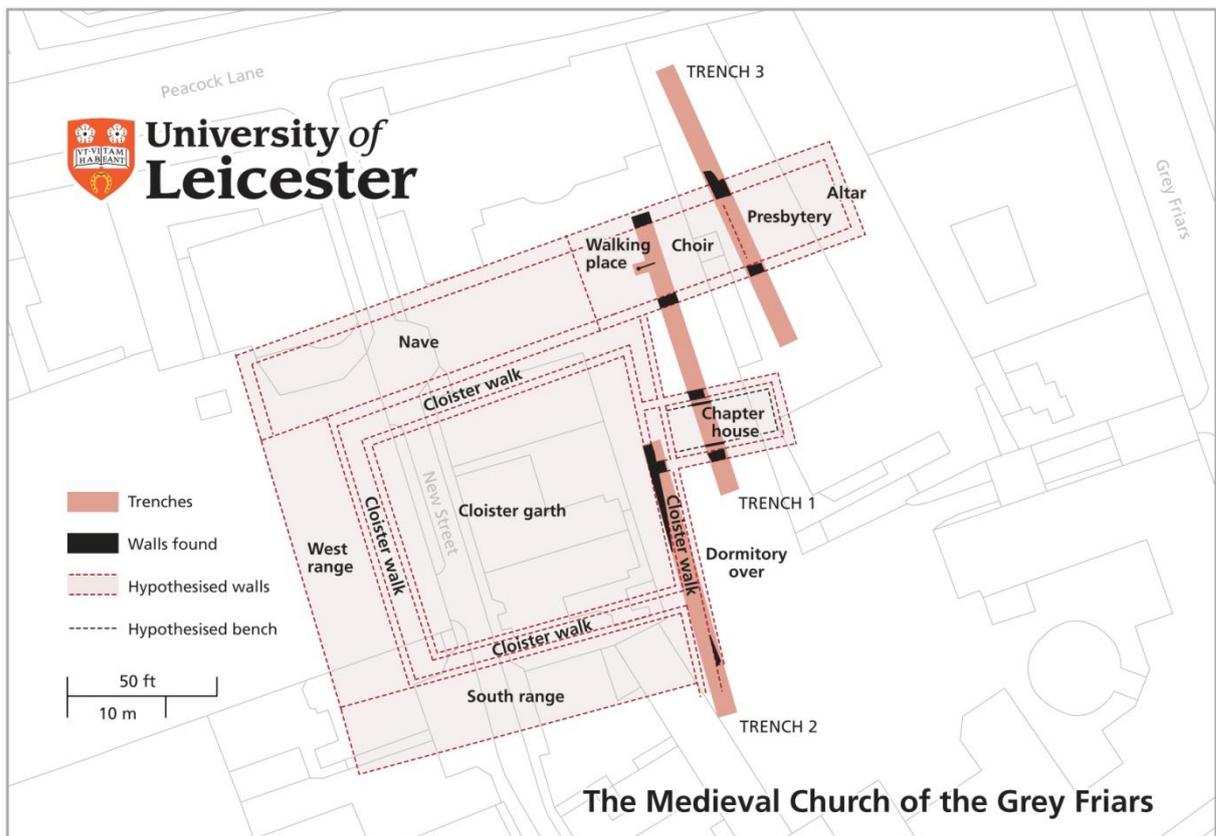


Imagem 5: Mapa de localização das trincheiras. Créditos à Universidade de Leicester (<http://www.thehistoryblog.com/archives/19646> - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14h55).



Imagem 6: corpo de Ricardo III da forma em que foi encontrado, após escavação no local que abrigara as Grey Friars, em Leicester. Créditos à Universidade de Leicester.

(http://www.huffingtonpost.com/2013/09/04/richard-iii-roundworm-study-king-skeleton_n_3864918.html - acessado de 11 de agosto de 2015, às 14h57)



Imagem 7: Esqueleto de Ricardo III. Créditos à Universidade de Leicester

(<http://www.abc.net.au/news/2013-02-04/researchers-confirm-skeleton-is-that-of-richard-iii/4500598> - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14h58)



Imagem 8: Reconstrução facial. Créditos à Richard III Society (<http://www.aboutmyarea.co.uk/Northamptonshire/Northampton/NN1/Article-Archive/Archive/248237-Replica-Richard-III-Head-To-Tour-Northampton> - acessado em 11 de agosto de 2015, às 14h59)